

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PEDAGOGIA HOSPITALAR PELA VIA DA FENOMENOLOGIA

Hedlamar Fernandes

hedlamarf@gmail.com

Hiran Pinel

hiranpinel@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva descrever uma prática pedagógica desenvolvida por uma professora no leito do hospital, junto a um aluno que se tornou cego, público-alvo da educação especial. Para tal realização a professora utilizou um jogo de pinos de seu acervo pessoal, como recurso lúdico, para colocar em prática seu planejamento. Sendo assim, aborda a temática da pedagogia hospitalar como ramo da educação que tende a minimizar o sofrimento da criança, complementando o tratamento médico como um cuidado cognitivo e psicossocial, proporcionando ao aluno-paciente que se encontra hospitalizado o direito a dar continuidade de seus estudos. O estudo é de cunho fenomenológico (FREIRE, 2015 e MAY, 1980), pois, é uma proposta radical colocar-se entre parênteses, suspender todo conhecimento anterior e olhar as coisas a partir delas mesmas. A produção dos dados se deu a partir da utilização do uso de um jogo de pinos, como recurso didático que possibilitou ao paciente-aluno a coragem de criar, (re)inventando-se ao mundo vivido no leito hospitalar, permitindo o seu protagonismo.

Palavras chaves: Prática Pedagógica, Pedagogia Hospitalar, fenomenologia

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia Freire (2015).

Este estudo versa sobre a relevância da relação professor-aluno realizada na classe hospitalar, no leito do hospital ou em domicílio que se materializam na mediação com **O OUTRO**, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço-tempo de vicissitude. É mister pensar que o processo de ensino/aprendizagem ao que compete à figura do professor e a sua relação com os alunos, não deve ter como eixo, somente o conhecimento resultante através do êxtase de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do discente, pois, para Alarcão (2001) “compreender o mundo, os outros e a si mesmo, bem como as interações entre estes vários componentes, sendo capaz ele de intervir, estabelecendo o alicerce para a vivência e a cidadania” (p. 23).

Sendo assim, apesar de tal, para que isto ocorra torna-se necessário e urgente que o docente tenha ciência das suas potencialidades junto ao aluno, como por exemplo, o bom senso, a criticidade, o querer bem, o comprometimento e o diálogo (FREIRE, 2015) possibilitando a ambos o aprendizado, permitindo uma abertura às novas experiências, compreendendo o mundo em que estão inseridos e numa relação empática aos sentimentos e aos problemas de seus alunos levá-los à autorrealização. Eis o grande desafio que nós professores temos pela frente – educar para ser, pois, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando” (FREIRE, 2015, p.28). Diante disto torna-se necessário uma prática inovada, dialógica e perspicaz que envolva o aluno como ser no mundo e o professor numa relação de cumplicidade e permuta de saberes e fazeres.

Diante deste mosaico, refletindo de modo existencial, a construção do conhecimento não pode ser entendida como algo individual. O conhecimento é produto de forças de trabalho, as relações humanas marcado social e culturalmente. Assim, na relação professor/aluno, o docente necessita de possuir uma relevante função que consiste em fazer/sentir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para compreensão dos mesmos, pois,

“é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentada numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e paradigmas da sociedade” (ABREU & MASETTO, 1990, p. 115).

A pedagogia hospitalar compreende o atendimento pedagógico oferecido às crianças internadas, cuja função do docente pressupõe uma articulação com a equipe multiprofissional para uma vivência/atitude que atenda às necessidades de integralidade do cuidado à criança hospitalizada e público-alvo da educação especial potencializando a interlocução saúde-educação. Neste sentido, este estudo objetiva descrever uma prática pedagógica realizada por uma professora, que automeceu de Cândida junto a uma criança público-alvo da Educação Especial, que se tornou cega devido possuir uma doença crônica e que se encontra em atendimento educacional hospitalar.

Oliveira (2011) pontua que o trabalho docente na pedagogia hospitalar pode se dar em diferentes faces: nas unidades de internação; na ala de recreação do hospital; com a classe hospitalar; com o setor de recursos humanos do humano; com a equipe de gestão em saúde, ministrando e organizando cursos para profissionais que atuam no hospital; com os acompanhantes e/ou familiares dos pacientes, dentre outras coisas.

Assim,

“Têm direito ao atendimento escolar os alunos do ensino básico internados em hospital, hospital-dia, hospital-semana, em serviços ambulatoriais de atenção integral à saúde ou em domicílio; alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola por razões de proteção à saúde ou segurança abrigados em casas de apoio, casas de passagem, casas-lar e residências terapêuticas. Para estudantes nessas condições, as secretarias de Educação e de saúde devem oferecer alternativas para que continuem estudando e estejam aptos a retornar à escola assim que cessar o tratamento ou a condição especial que os obrigou a ficarem fora da rotina escolar [...]. Compete à secretaria de Educação, por exemplo, contratar e capacitar os professores e definir os recursos financeiros e materiais para a execução das tarefas. Em respeito às capacidades e necessidades educacionais dos alunos, a sala dessa classe deve favorecer o desenvolvimento de atividades pedagógicas, ter mobiliário adequado, instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas, além de espaço ao ar livre para atividades físicas e ludo pedagógico. Em casos especiais, o atendimento poderá ser feito na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento quando o aluno tiver restrições por sua condição clínica ou do tratamento” (BRASIL, 2002).

Neste contexto, aqui e agora pontuamos a descrição de uma prática pedagógica de uma professora do ensino fundamental I, de seus modos de ser diante de seu cotidiano existencial,

os quais incluem a prática pedagógica do uso de um recurso lúdico pedagógico, um jogo de pinos de encaixe (do seu acervo pessoal) com o aluno-paciente que necessita de dar continuidade aos estudos devidos passar a maior parte do tempo hospitalizado. A descrição do vivido torna-se um convite ao leitor para que se produza uma reflexão sobre os modos de ser professora de criança com deficiência e que por direito frequenta a classe hospitalar.

Pinel (2015) pontua que,

Tais cidadãos da educação, inseridos na classe hospitalar sob a intervenção de uma professora de Educação Especial, devem ser considerados nas suas singularidades, no seu jeito individual de aprender, exigindo com isso professoras (e ou professores) que ensinem nesse processo vivido “singular-plural”, estando o estudante seja em que espaço-tempo estiver, seja concreto ou simbólico, online ou presencialmente na classe escolar ou hospitalar, ou na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou em sua residência ou em outro lugar educativo escolar e não escolar (p. 08).

Para realizar uma analítica existencial dos dados, adotamos como fundamentos teóricos a psicologia fenomenológico-existencial de Rollo May (1909) e Paulo Freire (1921) cujos pensadores são existencialistas. Freire compreende uma consciência marcada pela afetividade mais existencialmente voltada para uma cognição e corpo movido pelo sentimento, valorizando a criticidade da pessoa diante do ser do mundo dela.

Já May, se destaca na crise humana, marcado pelo afeto, daquele que é ser no mundo, pois, para o autor a pessoa existente pode dar aquele surpreendente passo final da consciência, de um sujeito que sabe também ser um objeto: prever, no tempo futuro, nossa própria morte - isto é, ‘em algum momento futuro deixarei de ser’. Segundo o autor, a consciência é atrelada especialmente ao afeto, ainda que esse último fenômeno mova a cognição e o corpo, pois, a afetividade torna-se fundamental, uma vez que, os alunos adquirem uma ideia racionalizada, sentem as relações com o outro e consigo e muitas transformações nesta faixa etária são adquiridas, que por sua vez levam à confrontos com pais, amigos e professores.

Ambos os autores, ainda que se diferenciem pela base filosófica, citam um conceito de pessoa interligada com o mundo, ser no mundo, dos quais nos apropriamos para desvelar os

modos de ser dessa professora, que será chamada neste ensaio de Cândida e seu aluno Naruto que tornou cego devido a uma doença crônica denominada craniofaringioma.

Por meio desta via de pensamento, o mundo desta professora desvelou-se como um conjunto de relações significativas à sua existência, entre as quais incluímos as dificuldades enfrentadas por ela para se reinventar diante do aluno hospitalizado. Enquanto ser-no-mundo, Cândida se confronta com esses percalços, falta de material didático, atendimento demorado no hospital, enfermarias com superlotação, mas procura transcendê-los sempre que possível, vivendo a experiência de ensinar a criança num espaço-tempo que também ocorre o aprendizado, utilizando como recurso didático um jogo de pinos de encaixe no leito hospitalar, numa prática educativa e construtiva que dá sentido à sua vida e a de seu aluno, por meio da criatividade, tolerância e sensibilidade.

Freire (1983) pontua que,

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o "como" de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (p. 87).

Ainda em Freire (1983),

o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas. (p. 96).

O jogo de pinos que faz parte do planejamento, uma prática pedagógica inventiva e afetiva, a criança não apenas brinca cumprindo o objetivo primário do brincar, mas também pode dar outras funcionalidades para as peças, adequando-as a outros jogos e atividades. Sendo assim, Cândida provoca/evoca em seu aluno o exercício da curiosidade, estimulando a imaginação, a intuição, as emoções, pois, “afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”” (FREIRE, 2015a, p. 95).

As práticas pedagógicas serão a cada instante, locuções do momento e das circunstâncias atuais e sínteses passageiras que se organizam no processo de aprendizagem, pois, como sinaliza Certeau (1994), a vida sempre escapa e se inventa de mil maneiras não autorizadas, com movimentos táticos e estratégicos.

Como ensinar exige comprometimento, a prática pedagógica realizada por essa professora no ambiente hospitalar revela o outro da relação educativa, pois, o outro pode/deve, muitas vezes, resistir e não entrar no jogo proposto pela prática pedagógica. Neste sentido, a compreensão/enfrentamento dessas resistências, configuram à pedagogia um papel fundamental. Por entre resistência/desistências e insistências, a pedagogia se faz prática e reside entre nós.

Neste mosaico Freire (2015b) pontua que, “outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 96).

Nosso envolvimento com Cândida revelou novos “modos de ser sendo no ser-junto (e no ser-com) ao outro com mundo” (PINEL, 2015), que nos motivaram a ir à cata dos sentimentos, emoções, desejos, raciocínios, tomadas de decisão, soluções de problemas – dentre outros aspectos “afetivo-cognitivos” que intervieram na subjetividade desta professora, não só para ajudá-la a criar essa prática pedagógica, mas que também a constituíram como ser professora de uma criança com deficiência.

Deste modo May (1988) sinaliza que “estar junto significa estar junto no mesmo mundo. O mundo deste paciente em particular deve ser percebido de dentro para fora, ser conhecido e visto o máximo possível pelo ângulo daquele que habita nele” (p. 129). Assim, a prática pedagógica permite um processo de decisão e humanização que ambos vão construindo ao longo de suas existências.

Aluno e professora enquanto ser no mundo e com o mundo se percebem como sujeitos da própria construção dos saberes e fazeres, pois, a mediação não se concentra entre Naruto, o aluno público-alvo da Educação Especial e o conhecimento, por meio da professora, que atua

como uma espécie de ponte, mas entre ambos movidos de uma curiosidade epistemológica e o mundo que os cercam.

A discussão sobre o direito e acesso à educação para todos preconizada na Constituição Federal (1988) e, posteriormente, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), tem estimulado o reconhecimento e a necessidade de uma educação em diferentes espaços-tempos, extrapolando os muros da escola. Nesta senda, com a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994), apresenta o termo "Classes Hospitalares", pontuando a potência da execução do direito à educação às crianças e adolescentes hospitalizados:

Tem direito ao atendimento escolar os alunos do ensino básico internados em hospital, em serviços ambulatoriais de atenção integral à saúde ou em domicílio; alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola por razões de proteção à saúde ou segurança, abrigados em casa de apoio, casas de passagem, casas-lar e residências terapêuticas (BRASIL, 2002, p. 14)

Percebe-se, assim, que existem leis que sustentam a educação em ambientes hospitalares, fortificando e legitimando o direito à educação. No entanto, embora esse direito seja reconhecido oficialmente, ainda é desconhecido por uma grande parte da população e, muitas vezes, restritos a aspectos burocráticos, dificultando o acesso das pessoas, longe de ser efetivado e tornado realidade (ZAIAS; DE PAULA, (2010).

Nesse contexto, a questão que serviu como bússola na construção deste ensaio científico é a seguinte: o “que é” e “como é” ser professora de uma criança público-alvo da Educação Especial, que possui uma doença crônica que lhe causou cegueira e que realiza uma prática educativa em um leito de hospital?

1 O PROCESSO FENOMENOLÓGICO DO ESTUDO

O percurso metodológico utilizado neste ensaio científico, a fim de trazer à tona, pela via da compreensão, as vivências do fenômeno, exige do pesquisador um contato com a vivência subjetiva do fenômeno, compreendido como ser no mundo. É necessário um contato significativo com o outro, que chamaremos de “envolvimento existencial”, e que, ao nosso

perceber, corresponde à *epoché* husserliana, procurando, de modo não idealizado, a suspensão dos julgamentos e das teorizações a respeito do fenômeno:

Assim, May (1980) pontua que,

Fenomenologia é o esforço para considerar o fenômeno como é dado. É esforço disciplinado para aclarar a mente das suposições que tão frequentemente nos levam a ver no indivíduo tão-somente nossas próprias teorias, ou os dogmas de nossos próprios sistemas. É o esforço para experimentar, em vez disso, os fenômenos em sua inteira realidade, abertura e boa vontade para escutar [...] (p. 24-25).

Sendo contexto, o método fenomenológico escolhido será o mais apropriado para o desenvolvimento do tipo de estudo que nos propomos a realizar, pois esta é uma abordagem que permite um desvelamento da experiência tal como se manifesta na vivência cotidiana e imediata da professora da classe hospitalar, que está sujeita à facticidade da existência.

Assim, no decorrer desse estudo, o sujeito da pesquisa foi desvelado como um ser no mundo que está sempre em movimento (PINEL, 2015), um ser humano encarnado dentro de uma determinada realidade sociopolítica, histórica e existencial, pois, “o homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente” (FREIRE, 2015a, p. 101).

Diante disto, analisaremos a prática pedagógica realizada por esta professora, o lugar social de Cândida como professora que atua com designação temporária, que luta constantemente para dar continuidade aos seus estudos e que provavelmente sente na pele as dificuldades enfrentadas em ser professora da Educação Especial, devido à falta de recursos materiais e econômicos, o espaço-tempo onde foi realizada a prática pedagógica (isto é, o leito do hospital), dentre outros fatores que ajudam a “encarnar” aqui e agora os modos de ser professora.

2 O DESVELAR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO LEITO DO HOSPITAL

No intuito de compreender a prática pedagógica realizada pela professora Cândida, torna-se necessário e urgente, primeiramente, compreender em que lugar e tempo o sujeito está situado, para a partir daí, termos condições de acessar uma teoria e empregá-la com sabedoria, pois, “se não tomamos conhecimento desse ‘lugar’, arriscamo-nos a um maltrato da técnica, a um exercício meramente errado [...]” (RIBEIRO, 1997, p. 13).

Sendo o leito do hospital o espaço-tempo em que ocorre o ensino-aprendizagem, aluno e professora se entregam ao vivido com ser no mundo e com o mundo, pois, se sentem motivados a se redescobrirem como sujeitos autônomos, tendo a capacidade de assumir essa dependência que se encontra encarnada na nossa finitude, tornando-os livres para permitir que caiam as barreiras de preconceito e discriminação.

Assim, o presente estudo se materializou a partir de uma prática educativa realizada no leito de um hospital infantil e público, num momento em que tanto a professora quanto o aluno se encontram fragilizados, já que o ambiente é comprometedor. Docente e discente sofrem na pele o descaso do Estado, seja pelo sucateamento do sistema público de saúde, levado a cabo principalmente a partir de 2016, seja pela má atuação do governo brasileiro.

Além disso, outras decisões do governo federal que não dizem respeito as infecções propriamente ditas, acabaram por afetar o cotidiano existencial de Cândida e Naruto, como por exemplo a nova Política Nacional de Educação Especial (PNEE), publicada em setembro de 2020, que abre um precedente para ampliar a matrícula de alunos com deficiência em escolas especiais, dificultando a inclusão.

Nesse sentido, a prática educacional desenvolvida no leito de um hospital infantil e público é um ato de resistência diante das dificuldades que sofre cândida, professora da educação especial, cujo espaço-tempo lhe falta recursos, anunciando e denunciando a realidade sentida. Assim, “não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor” (FREIRE, 2015a, p.89).

Para tanto, a prática pedagógica em tal ambiente desvela um mundo de possibilidades para a professora e para a criança com deficiência, pois o brincar os reabilita da “paralisia” que

o espaço do hospital provoca, e ao mesmo tempo, trata-se de uma prática pedagógica realizada por uma professora, isto é, ambos se abrem e compartilham a atividade educativa. Assim, Mizukami (1996) descreve que “as qualidades do professor (facilitador) podem ser sintetizadas em autenticidade, compreensão empática – compreensão da conduta do outro a partir do referencial desse outro – e o apreço (aceitação e confiança em relação ao aluno)” (p.3).

Sob essa égide, compreende-se que a atividade pedagógica planejada pela docente, nos parece movida de intencionalidade, pois, não é transferência de saber de uma autoridade que é dona do conhecimento para um aluno em posição hierárquica inferior, mas um encontro entre sujeitos através do diálogo. O sentido de tal planejamento provavelmente significa uma abertura de querer bem ao aluno, uma abertura que disponibiliza à alegria de viver diante da hospitalização.

Quanto à prática educativa planejada, trata-se do uso de um jogo de pinos de encaixe, que auxilia a percepção, o controle de forças, possibilidades de exploração, cujo jogo não foi escolhido por acaso. Tal jogo permite também estimular as habilidades motoras finas das crianças, a concentração, autoestima, proporções, dentre outras coisas, uma vez que adquirem agilidade, autonomia e destreza em suas mãos quando brincam com eles.

Machado (1998) pontua que,

A ética do brincar abarca a necessidade de um adulto atento, altivo, altruísta e imperativo para que o brincar possa fluir, requer um adulto capaz de admitir a temporalidade dessa vivência e, ao mesmo, capaz de reconhecer que assegurá-la é sua responsabilidade (p.30).

O pontapé inicial da prática pedagógica se dá quando a professora diz: “*Hoje nós vamos aprender a contar diversos pinos e encaixá-los no lugar certo. Você precisa, juntamente comigo, de descobrir quantos furos existem no tabuleiro e se há pinos suficientes para serem encaixados. Que tal heim Naruto?*”. Enquanto isso, Naruto permanece atento e vai logo se levantando do leito à espera do recurso didático, que a professora coloque em suas mãos o tal brinquedo - ela o faz pelo cuidado (Sorge).

Ao interagir com o aluno, seu tom de voz, expressão corporal debruçada e atenta, parece-nos que a professora procura fazer-se presença na vida do aluno, estimulando-o o que se denomina “ser mais”. Cândida assume sua vocação ontológica, conforme pontifica Freire (2015b), e ela se explicita, no seu ser-junto: “*Naruto, pegue os pinos, eu estou aqui, vamos encaixá-los nos furinhos que tem aqui* (ela diz colocando os pinos nas mãos do paciente- aluno), *cuidado, existem furinhos maiores e menores e os pinos precisam de ser encaixados de acordo com os tamanhos. Vamos, Naruto, você consegue*”. Cândida não vê Naruto como um sujeito sem condições de tal realização - que não é mesmo, o que o transformaria em alguém passivo e, conseqüentemente, tornaria o cuidado da professora numa ação assistencialista de caridade. Percebe-se que Cândida, de modo coerente e competente testemunha seu gosto de ensinar, sua esperança de aprender, certificando sua capacidade de luta e seu respeito às diferenças.

Cândida constrói sua condição de ser no mundo e com o mundo, de ser professora, se estabelece num processo, não apenas a partir de um conhecimento legal, mas permite se envolver conscientemente em ação, em movimento, pois, “o importante é ser existencial” (MAY, 1988, p. 187).

Saltini (2008, p.100) afirma que

“essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”. O referido autor completo: Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o professor onde poderíamos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (p. 100).

Isso se confirma na declaração seguinte da professora, feita enquanto ela observava e analisava as mãos de Naruto entre os pinos: “*O que você está fazendo menino, heim? Quando terminar me fale sobre o que você fez, está bem?*”. Esse gesto, compreendemos que demonstra seu cuidado em criar uma atividade pedagógica compatível com as limitações da criança. Esse processo "experiential" de ser-com a professora, aqui-agora mãe da vida, como pontua o poeta Gorki (2013), “Uni-vos, homens de todos os países, formai uma única família! A mãe da vida é a afeição e não o ódio” (p. 123), considera o potencial de Naruto e sua disposição em ser no

mundo das crianças cegas que resistem aos preconceitos contra os cegos - e ele enfrenta com inventividade.

A prática pedagógica planejada pela professora faz emergir as potencialidades que aluno e professor possuem para modificar a realidade e se fazer presença no mundo. Naruto e Cândida provavelmente sentem que a experiência vivida no ambiente hospitalar é um instante de aprendizagem, mas um instante relevante que necessita de ser autenticamente sentido

Ambos possuem uma natureza dialógica, pois, o diálogo torna-se uma condição para a intersubjetividade, pois, discursam da natureza do próprio indivíduo, que só se constitui pelo reconhecimento do outro. Cândida e Naruto se tornam presença no espaço-tempo vivido, em um movimento rico e complexo, humanizando-se e tomando consciência do mundo em que habitam, pois, a ação de ambos propõe a fazer mais que um raio de luz sobre o ensinar e aprender.

Os seus modos de ser criança cega pontua aí o que a professora proporcionou: Naruto cria uma autotranscendência, vivendo mais com a proposta pedagógica planejada pela professora, algo que o faz feliz no ser-com. O menino pela figura docente, revela-se enfrentando e solucionando criativamente propostas cognitivas propostas pela Outra de cuidado, que ensina, e o conhecer parece-nos ser movido pela energia do afeto e sua disposição corporal.

Depois disso, Naruto manuseou o jogo, colocando e tirando várias vezes do tabuleiro e disse: “Professora, *eu coloquei todos os pinos nos buraquinhos e sobraram estes aqui* (muitos risos). *Esses pinos que estão encaixados aqui* (ele diz apalpando o tabuleiro com as mãos) *são os jogadores que vão jogar no meu time quando eu for técnico da seleção e estes que sobraram são os reservas*”. “*Nossa, Naruto! Uau... Como você é esperto, meu campeão!*”.

Nesta senda é possível sentir que a educação deve partir da realidade para compreender a pessoa existente e ser posta a seu trabalho, pois, a prática educativa toma um sentido movido de plenitude quando permite uma relação entre a vida, a voz, e o pensamento da professora. Parafraseando Deleuze (2006) jamais será possível saber e controlar como alguém aprende.

Na sua narrativa podemos perceber que ela reconhece seu aluno como um verdadeiro herói comum, o do cotidiano, um sujeito que resiste, tal qual a professora que o ensina, ambos resistentes contra os preconceitos aos cegos, e contra a professora que insiste em ensinar para aprender, e ambos ensinam-aprendem. Aqui, a alegria ajuda a romper padrões estabelecidos, assumindo “o risco necessário para desbravar novas fronteiras” (MAY, 1980, p. 288). O jogo de pinos, nesse caso, é mais que um recurso pedagógico – é uma travessia que permite a ambos serem tocados e empurrados para um saber/fazer arrebatado, transformado na forma de transcender um cotidiano de injustiças e de algumas precariedades do Estado no atendimento público de saúde que oferece aos cidadãos.

O enfrentar deste dilema se dá através de uma prática lúdica - o brincar leva ao faz de conta, e as revelações de si, e o lúdico propriamente dito cheios de sonhos e fantasias. Ao mesmo tempo, Cândida em nenhum momento se coloca como uma super-heroína, uma “salvadora” que vai resolver todos os problemas do aluno - ela é presença. Só isso e isso é tudo: (pré)sença, que se faz antes de tudo.

Finalmente,

Ser presença humana no mundo tem a especificidade do refletir, da programação, da (trans)formação, uma vez que, “a vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo” (FREIRE, 2015b, p. 234).

A prática educativa proposta pela professora, nesse sentido, é uma ação de resistência, entendida aqui como manutenção de vínculos mínimos necessários à sobrevivência num ambiente hostil, em que o descaso do Estado brasileiro com a população empobrecida torna-se ainda mais crítica com a falta de recursos lúdicos.

A superação aqui-agora descrita se aproxima a um transcender o vivido de malogro, mágoa e outros, e que exige do cidadão criar e inventar enfrentamentos, lutas, forças internas, empoderamentos etc., (pró)curando obter algum sucesso (ou sucesso mesmo) nesses duelos de ação. Essas lutas emergem de um herói cotidiano e comum, repetimos. Esse ser comum (com)parece como todo ser no mundo, desvela-se para nós observadores empáticos desse modelar. Aqui-agora não há um “alguém especial deusificado ou que produz piedade, mas, sim com-a-paixão. O ser humano, cheio de altos e baixos é nascido “gente como a gente”, mergulhado no ordinário - “modos de ser” encarnados, falhos, saudáveis, ensangüentados, desencantados, revoltados, opositores ao *status quo* estabelecido, tristes uns dias, e alegres nos outros, forças e fragilidades, gritos e silêncios,

opondo-se às desumanidades e o gritando ativa e potentemente frente às humanidades benfazejas (PINEL, 2015, p. 32).

FINALIZANDO...

É de May a afirmação de que a existência se refere ao vir-a-ser a uma contínua transformação e evolução. Com essas palavras, propomos as “considerações finais” deste ensaio científico, que pretendeu descrever compreensivamente uma prática pedagógica realizada por uma professora no leito de um hospital junto a uma criança que se tornou cega devido uma doença crônica e que se encontra em atendimento educacional hospitalar.

As práticas pedagógicas incluem desde o ato de planejar e a organização do movimento dos processos de aprendizagem até ao percurso no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, de modo que permitem o ensino de conteúdos e atividades que são considerados vitais para aquele estágio de formação do aluno, e, por meio desse processo, criar nos discentes mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços-tempos educativos.

Nesse redemoinho do existir de ambos, compreendemos que o ser humano existe em movimento, (re)construindo os caminhos que trilham e sendo construído por eles, um ser capaz de fazer escolhas dentro de um mundo que é dado e que, nesse processo, tanto modifica quanto é modificado, tornando-se, assim, uma presença no mundo. Assim, o leitor pode ter percebido o fenômeno que pode desvelar os modos de ser professora, no seu ser-com (e ser-junto) Naruto, seu aluno com deficiência visual, um sujeito público-alvo da Educação Especial.

Como este ensaio procurou descrever, torna-se necessário compreender que a educação é um processo de participação, orientado pela construção conjunta do conhecimento entre educador e educandos - e o uso lúdico-pedagógico pela professora ao aluno, de um simples jogo de pinos, produz uma travessia de ensino-aprendizagem de sentido para ambos, criando uma educação não-escolar. Dessa forma, é possível estimular o desenvolvimento pleno do aluno, pois “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo responsabilidades de suas ações” (FREIRE, 2015b, p. 91).

Nas palavras de Cecília Meireles:

Se há uma criatura que tenha necessidade de formar e manter

Constantemente firme uma personalidade segura e complexa,

Essa é o professor.

Destinado a pôr-se em contato com a infância e a adolescência,

Nas suas mais várias e incoerentes modalidades,

Tendo de compreender as inquietações da criança e do jovem,

Para bem os orientar e satisfazer sua vida, deve ser também um contínuo
aperfeiçoamento.

Uma concentração permanente de energias que sirvam de base e assegurem a sua
possibilidade,

Variando sobre si mesmo. Chegar a aprender cada fenômeno circunstante,

Conciliando todos os desacordos aparentes, todas as variações humanas nessa visão
total indispensável aos educadores.

REFERÊNCIAS

Abreu, Maria C. & Masetto, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

Alarcão, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**, 2ª edição, São Paulo;

Cortez, 2003.

Aquino, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In. J.R.G. Aquino (Org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Lei n. 8069/90. **Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 30 ago. 2022.

BRASIL. **Constituição da República federativa do Brasil. 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 30 ago. 2022.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição* Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

_____ Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

_____ Conscientização São Paulo: Cortez, 1983.

GORKI, Maxim. **A mãe**. Tradução: Sérgio Persky e Augusto de Lacerda. S/c: Zero Papel/Edições Digitais, 2013.

MACHADO, M.M. **Poética do Brincar**. São Paulo: Loyola, 1998.

MAY, Rollo. **Psicologia existencial**. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1988.

Mizukami, Maira. G. N. **Ensino: As abordagens do Processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRELES, C. Publicado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro, em 10 de agosto de 1930.

OLIVEIRA, T. C. A inclusão do pedagogo hospitalar na equipe multiprofissional de saúde. Congresso Nacional de Educação, 10, 2011. Anais[...], Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 6037-6048.

PINEL, Hiran. A pedagogia hospitalar Brasil-Portugal: esboçando algumas pistas para o entendimento. In: PINEL, H.; SANT'ANA, A. S. C.; COLODETE, P. R. (org.). **Pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Teresina: EDUFPI, 2015a, p. 80-83.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceitos de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia – Revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 1997.

SALTINI. Claudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008

ZAIAS, E.; DE PAULA, E. M. A. T. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 14, n. 3, p. 222- 232, 2010. DOI: 10.4013/edu.2010.143.07

Hedlamar Fernandes:

Ms e doutoranda – UFES. Possui graduação em Pedagogia e Letras Português. Professora de Atendimento Educacional Especializado e professora do curso de Letras – IFES. Autora do livro *Vivências e Sentidos de crianças na Pedagogia Hospitalar*

Hiran Pinel é atualmente professor titular, permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, PPGE/UFES. Tem dois pós-doutorados pela Universidade Federal de Minas Gerais, FAE/UFMG e pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) do Centro de Educação, UFES. Fez doutorado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, IP/USP, já o mestrado foi pelo PPGE/UFES.